

# Escavações recomeçam no Forte Orange

## Arqueólogos pretendem identificar elementos que revelem cotidiano de ocupantes no Século XVII

**Cristiane Araújo**  
DA EQUIPE DO DIÁRIO

Depois de um intervalo de sete meses, foram reiniciadas no início deste mês de outubro as escavações arqueológicas no Forte Orange de Itamaracá. Até dezembro, uma equipe do Laboratório de Arqueologia da UFPE, que trabalha no local e pretende identificar novos elementos que ajudem a revelar o cotidiano dos holandeses (1631 a 1654) e portugueses, durante o tempo em que ocuparam a edificação. Entre os desafios da equipe estão a identificação de vestígios de uma antiga porta do forte, construída pelos holandeses de frente para o canal de Santa Cruz, e de restos do hornaqueue, uma espécie de fortificação externa que pode ter sido erguida para proteger o forte de inimigos guerrilheiros.

Também estão entre as metas encontrar, nos próximos dois meses, trechos do fosso que provavelmente foi criado no entorno do forte pelos holandeses, para restringir o acesso ao local. O terrapleno (piso superior) e os baluartes (extremidades que sustentam os canhões no topo da edificação) também serão alvo de estudos. A intenção é verificar que tipo de revestimento constituía o piso desses dois locais. "Mais especificamente, queremos saber se

havia calçamento ou se foi usado apenas areia", disse o professor de arqueologia da UFPE, Marcos Albuquerque, coordenador do trabalho.

**MAPAS** - Cada escavação realizada é precedida de pesquisas históricas e iconográficas (mapas criados por holandeses e portugueses) que ajudam a identificar as regiões que devem ser exploradas a fim de encontrar vestígios arqueológicos. Algumas escavações, no entanto, são realizadas sem o indicativo da pesquisa. "É o caso do primeiro nível de solo do forte, que data da época da ocupação holandesa e foi localizado pela nossa equipe. Já sabíamos que o piso atual é recente e que uma escavação no solo poderia nos levar à identificação de camadas anteriores".

Este primeiro nível da ocupação holandesa foi localizado na praça de armas do forte. Apesar de a descoberta ter ocorrido na primeira etapa do trabalho de prospecção, a ideia é continuar escavando para que novos trechos possam ser identificados. Além disso, também foram descobertos a casa de pólvora do forte e as marcas da estrutura dos primeiros quarteis holandeses. As escavações relativas a esses dois achados também serão ampliadas para que a real dimensão das estruturas seja conhecida.



Foto: Daniela Nader/Especial para o DIÁRIO

**Pesquisas históricas e iconográficas precedem busca por descobertas sobre período de ocupação do local por holandeses e portugueses**

## Fragmentos recompõem História

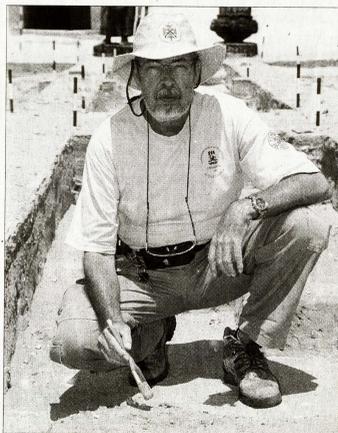
Em meio às grandes descobertas que revelam características da estrutura do Forte Orange, os arqueólogos da UFPE se deparam com uma infinidade de pequenos fragmentos recolhidos das diversas camadas de solo reveladas durante as escavações. Apesar de a dimensão física desses elementos não surpreender, eles são tão (ou mais) valiosos do que as grandes estruturas em pedras areníticas. Isso porque são capazes de revelar detalhes do cotidiano dos povos que ocuparam o local ao longo de cinco séculos passados. Essas pequenas peças vão desde acessórios de uso pessoal, como botões e fiavelas de cinto, até materiais bélicos e louças européias.

"O achado mais recente e que tem grande valor histórico é um compasso de navegação utilizado pelos holandeses para fazer cálculos de latitude em mapas", informou Marcos Albuquerque. Outros fragmentos importantes são projéteis de canhão e de mosquete (espécie de arma), cachimbos holandeses e polvorinhos da época do Império (depósitos de pólvora).

O coordenador explicou que cada

uma das peças encontradas são marcadas por um topógrafo e recebem um número específico. Assim, os arqueólogos podem dizer exatamente em que local o material foi achado. Essas informações — assim como os dados relativos às grandes estruturas físicas encontradas — estão sendo reunidos em uma mapa traçado pela equipe. "Podemos dizer que se trata de uma atualização do material iconográfico deixado pelos holandeses e portugueses".

As escavações fazem parte do projeto de restauração do local que está sendo desenvolvido pelo arquiteto José Luiz da Mota Menezes. Como o projeto de recuperação ainda não foi concluído, não há data definida para o início das obras. As informações reveladas pelos arqueólogos deverão nortear as intervenções. Uma novidade relativa à recuperação do forte diz respeito à construção de um dique no canal de Santa Cruz. O projeto é dos professores Paulo Coutinho e Waldir Manso, da UFPE, e será executado para que o impacto da água do mar não afete a estrutura da fortificação.



**Marcos Albuquerque** coordena trabalhos arqueológicos no forte